

INTELECTUAIS NEGRAS

bell hooks

Muitas vezes eu estava num terrível deserto,
sofrendo estranhas coisas e agoniias... tinha como sombra
a solidão cósmica. Nada e ninguém em minha volta na verdade me
tocava. Uma das benções deste mundo
é que pouca gente tem visões e sonhos.

Zora Neale Hurston

Dust Tracks on the Road

Temos obrigação como negras de nos projetar na revolução.

Kay Lindsey

The Black Woman as a Woman

O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje
na vida das mulheres negras segue um padrão estabelecido nos
primeiros dias da escravidão.

Como escravas, o trabalho compulsório obscurecia todos os outros
aspectos da existência das mulheres.

Parece, pois, que o ponto de partida para uma
investigação da vidas das negras sob a
escravidão seria uma avaliação de seus
papéis como trabalhadoras.

Angela Davis

Women, Race and Class

Vivendo numa sociedade fundamentalmente anti-intelectual, é difícil para os intelectuais comprometidos e preocupados com mudanças sociais radicais afirmar sempre que o trabalho que fazemos tem impacto significativo. Nos círculos políticos progressistas, o trabalho dos intelectuais raramente é reconhecido como uma forma de ativismo; na verdade, expressões mais visíveis de ativismo concreto (como fazer piquetes nas ruas ou viajar para um país do Terceiro Mundo e outros atos

de contestação e resistência) são consideradas mais importantes para a luta revolucionária que o trabalho mental. É essa desvalorização do trabalho intelectual que muitas vezes torna difícil para indivíduos que vêm de grupos marginalizados considerarem importante o trabalho intelectual, isto é, uma atividade útil. Ao longo de nossa história como afro-americanos nos Estados Unidos surgiram intelectuais negros de todas as classes e camadas da vida. Contudo, a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opção excepcional e difícil. Para muitos de nós, tem parecido mais um “chamado” que uma escolha vocacional. Somos impelidos, até mesmo empurrados, para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual.

Propondo uma explicação dos fatores que podem motivar alguns negros a se tornarem intelectuais, Cornel West afirma, em seu ensaio *O Dilema do Intelectual Negro*: “A opção de tornar-se intelectual é um ato de auto-imposta marginalidade; resulta num status periférico na e para a comunidade negra. A busca da alfabetização é na verdade um tema fundamental na história afro-americana, e um impulso básico na comunidade negra. Mas os negros, como a maioria dos americanos, normalmente vêem a utilidade da alfabetização por vantagens pecuniárias mais concretas que as do escritor, artista, instrutor ou professor. Os motivos pelos quais algumas pessoas negras escolheram tornar-se intelectuais sérios são diversos. Mas na maioria dos casos podem remontar a uma raiz comum: uma experiência tipo conversão religiosa com um professor ou colega muito influente, que nos convenceu a dedicar a vida a atividades de leitura, escrita e conversa pelo prazer individual, mérito pessoal e ascensão política dos negros (e muitas vezes outros oprimidos)”.

Embora estes possam ser motivos comuns pelos quais alguns negros escolheram o trabalho intelectual, podem coexistir com motivações mais difíceis de indicar, sobretudo no espaço público. No meu caso, voltei-me para o trabalho intelectual na busca desesperada de uma posição oposicional que me ajudasse a sobreviver a uma infância dolorosa. Criada numa comunidade segregada, sulista, pobre e operária, onde a educação era valorizada sobretudo como um meio de mobilidade de classe, a “vida intelectual” sempre esteve ligada à carreira do ensino. Tratava-se mais do serviço externo como “professor” ajudando a elevar a raça, no qual os professores podiam conquistar aceitação individual dentro da comunidade negra, do que de uma vida “interior” intelectual e personalizada. Criada num mundo assim, era mais que evidente que havia uma diferença socialmente aceita entre qualificação acadêmica e tornar-se um intelectual. Qualquer um podia ensinar, mas nem todos seriam intelectuais. E embora a função de professor nos rendesse status e respeito, ser “demasiado erudito” e intelectual significava que corriamos o risco de ser encarados como esquisitos, estranhos e talvez mesmo loucos.

Aprendendo cedo que se premiavam as boas notas, enquanto o pensamento independente era visto com desconfiança, eu sabia a importância de ser “inteligente”, mas não “inteligente demais”. Ser demasiado inteligente era sinônimo de intelectualidade, e isso era motivo de preocupação, sobretudo se se tratasse de uma mulher. Para uma criança inteligente, nas comunidades negras de classe inferior e pobres, fazer perguntas demais, falar de idéias que diferiam da visão do

mundo predominante na comunidade, dizer coisas que os negros adultos relegavam ao reino do indizível, era um convite ao castigo e até ao abuso. Ainda se estão por fazer estudos psicanalíticos extensos discutindo o destino de crianças negras talentosas criadas em famílias onde seu brilho mental não era valorizado, mas as transformava em “monstrinhos” perseguidos e castigados.

Na adolescência, passei por um processo de conversão que me impeliu para a vida intelectual. Constantemente perseguida e castigada na família, as tentativas de entender meu destino me empurram para o pensamento analítico crítico. Manter-me à distância de minha experiência de infância, vê-la com um distanciado desligamento, foi para mim uma estratégia de sobrevivência. Para usar o termo psicanalítico de Alice Miller, tornei-me minha própria “testemunha esclarecida”, capaz de analisar as forças que atuavam sobre mim e, através dessa compreensão, manter um senso separado de mim mesma. Ferida, às vezes perseguida e vítima de abusos, encontrei na vida intelectual um refúgio, um abrigo onde podia experimentar uma sensação de atuar sobre as coisas, e com isso construir minha identidade subjetiva. Esse reconhecimento vivido de como a mente, pelo pensamento crítico, podia ser usada a serviço da sobrevivência, como podia ser uma força curativa em minha luta para combater o desespero da infância, me permitiu tornar-me um eu autônomo na família disfuncional e levou-me a valorizar o trabalho intelectual. Valorizava-o não por ter-me trazido status ou reconhecimento, mas porque oferecia recursos para intensificar a sobrevivência e meu prazer de viver.

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade, mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela liberação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes.

Quando eruditos negros escrevem sobre a vida intelectual negra, em geral só focalizam as vidas e obras de homens. Ao contrário da maçuda obra de Harold Cruse, *The Crisis of the Negro Intellectual* (A crise do intelectual negro), que não dá nenhuma atenção à obra das intelectuais negras, o ensaio de Cornel West, O Dilema do Intelectual Negro, foi escrito num momento histórico em que a existência de um enfoque feminista sobre o gênero sexual devia ter levado qualquer estudioso a considerar o impacto dos papéis sexuais e do sexism. Contudo, West não olha especificamente a vida intelectual da negra. Não reconhece o impacto do gênero nem discute o modo como as idéias sexistas de papéis masculino/femininos são fatores que informam e moldam tanto nosso senso do que é ou pode ser a intelectual negra quanto sua relação com um mundo de idéias que transcende as produções individuais. Apesar do testemunho histórico de que as negras sempre desempenharam um papel importante como professoras, pensadoras críticas e teóricas culturais na vida negra, em particular nas comunidades negras segregadas,

muito pouco se escreveu sobre intelectuais negras. Quando a maioria dos negros pensa em "grandes mentes", quase sempre invoca imagens masculinas.

Sempre que peço a minhas alunas que citem intelectuais negros, sem solicitar que os especifiquem pelo gênero, elas invariavelmente citam nomes de homens: Du Bois, Delaney, Garvey, Malcolm X, e até contemporâneos como Cornel West e Henry Louis Gates. Se peço que os especifiquem por gênero, citam de saída os nomes desses negros, e hesitam na busca mental a nomes de negras. Após longa pausa, começam a citar escritoras negras contemporâneas famosas, em geral Alice Walker ou Toni Morrison. Vez por outra, aparece na lista o nome de Angela Davis. Não conhecem a obra das intelectuais negras do século XIX. Desconhecem pensadoras críticas negras que seriam contrapartidas perfeitas para Du Bois e Delaney. Os nomes de Anna Julia Cooper, Mary Church Terrel, e até o mais amplamente difundido de Ida B. Wells, não estão na ponta da língua de todo mundo. Em sua introdução ao texto da edição Schomburg, de 1892, de *A Voice From The South* (Uma voz do Sul), de Anna Julia Cooper, Mary Helen Washington enfatiza tanto a importância da obra da intelectual negra quanto a realidade de que ainda não recebeu os merecidos reconhecimento e aceitação. Mary Helen afirma: "Sem mulheres como Fannie Barrier Williams, Ida B. Wells, Fannie Jackson Coppin, Victoria Earle Matthews, France Harper, Mary Church Terrell e Anna Julia Cooper, muito pouco saberíamos sobre as condições da vida de negras no século XIX, e no entanto a tradição intelectual negra, até bem pouco, praticamente as ignorava e desvalorizava sua erudição como visivelmente subordinadas à produzida por negros homens".

Embora não surpreenda muito que as alunas não consigam citar intelectuais negras do século XIX, é chocante que não conheçam a obra de pensadoras negras contemporâneas, como Hortense Spillers, Hazel Carby, Patricia Williams e Beverly Guy-Sheftall, para citar apenas algumas. A subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras. Por isso é tão difícil as alunas nos citarem. E as que lembram os nomes de Walker e Morrison raras vezes leram sua obra não ficcional, e freqüentemente não têm a menor idéia do âmbito e alcance do pensamento delas. As intelectuais negras que não são "escritoras famosas" (e nem todos os escritores são intelectuais) continuam praticamente invisíveis nessa sociedade. Essa invisibilidade é ao mesmo tempo em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe institucionalizados, e um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação.

O trabalho com alunas negras, dentro de um mundo acadêmico que manifesta extrema reticência sobre o valor e importância do trabalho intelectual, me motivou a examinar criticamente a relação das negras com o trabalho intelectual, a fazer perguntas: Como muitas negras se veriam como intelectuais? Como ganhamos a vida? Estamos todas no mundo acadêmico? Onde estão nossos ensaios sobre produção intelectual etc.? Muitas das alunas negras que encontro têm dúvidas quanto ao trabalho intelectual. Fico pasma com a profundez da anti-intelectualismo que as assalta, e que elas internalizam. Muitas manifestam desprezo pelo trabalho intelectual porque não o vêem como tendo uma ligação significativa com a "vida real" ou o domínio da experiência concreta. Outras, interessadas em

seguir o trabalho intelectual, são assaltadas por dúvidas porque sentem que não há modelos e mentoras do papel da mulher negra, ou que os intelectuais negros individuais que encontram não obtêm recompensas nem reconhecimento por seu trabalho.

As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como “suspeita”. O pessoal pode se sentir à vontade com a presença de acadêmicas negras, e talvez até as deseje, mas é menos receptivo a negras que se apresentam como intelectuais engajadas que precisam de apoio, tempo e espaço institucionais para buscar essa dimensão de sua realidade. A professora de direito negra Patricia Williams, em sua nova coletânea de ensaios, *The Alchemy of Race and Rights* (A alquimia de raça e direitos), escreve com eloqüência sobre a maneira como alunas e professora negras exercem o pensamento crítico, um trabalho intelectual que ameaça o *status quo* e torna difícil para nós receber apoio e endosso necessários. Chamar isso de racismo e sexismo combinados faz com que sejamos vistas como intrusas por colegas de perspectivas estreitas. Patricia esclarece que o “status de fora é uma espécie de ferida aberta.” Algumas de nós preferiram assim negar sua capacidade intelectual, para não enfrentar essa realidade. Outras podem escolher ser acadêmicas, mas evitar a classificação de “intelectual”. Em sua recente coletânea de ensaios, *The Significance of Theory* (O significado da teoria), Terry Eagleton inclui um chamado Crítica, Ideologia e Ficção, em que esclarece a diferença entre acadêmicos (que podem ou não ser intelectuais) e intelectuais. Se olhamos a tradicional compreensão ocidental do intelectual, parece-me que este se caracteriza por pelo menos duas questões distintas. O intelectual não é apenas alguém que lida com idéias. Tenho muitos colegas que lidam com idéias e a quem eu muito relutaria em chamar de intelectuais. Intelectual é alguém que lida com idéias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo. Segundo, intelectual é alguém que lida com idéias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla. A distinção de Eagleton baseia-se na suposição de uma qualidade de abertura crítica que permita a transgressão. É visível que ele considera essencial que os intelectuais sejam pensadores criativos, exploradores no domínio das idéias que possam ir até os limites e além, seguindo as idéias em qualquer direção que tomem.

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar “interdito”. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexism e o racism, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a idéia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina “natural”, orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva. Estudando a fusão de mulher e natureza em *The Death of Nature* (A morte da natureza), escreve Carolyn Merchant:

"A imagem de natureza que se tornou importante no início do período moderno era a de um reino desregrado e caótico a ser submetido e governado... associava-se à mulher à natureza selvagem e incontrolável. As imagens da natureza e da mulher eram igualmente ambíguas. A ninfa virgem oferecia paz e serenidade, e a mãe terra nutrição e fertilidade, mas a natureza também trazia pragas, fome e tempestades. Do mesmo modo, a mulher era virgem e bruxa, o amante cortesão do Renascimento punha-a num pedestal; o inquisidor queimava-a na fogueira. A bruxa, símbolo da violência da natureza, provocava tempestades, causava doenças, destruía colheitas, obstruía procissões e matava crianças. A mulher desregrada, como a natureza caótica, precisava ser controlada".

Entre os grupos de mulheres assassinadas como bruxas na sociedade colonial americana, as negras têm sido historicamente vistas como encarnação de uma "perigosa" natureza feminina que deve ser governada. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas "só corpo, sem mente". A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da idéia de que as "mulheres desregradas" deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a idéia de que as negras eram só corpo, sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistas como "símbolo sexual", os corpos femininos negros são postos numa categoria, em termos culturais, tida como bastante distante da vida mental. Dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos, as negras sempre estiveram no nível mais baixo. O *status* inferior nessa cultura é reservado aos julgados incapazes de mobilidade social, por serem vistos, em termos sexistas, racistas e classistas, como deficientes, incompetentes e inferiores.

As representações globais das negras nos meios de comunicação de massa contemporâneos continuam a nos identificar como mais sexuais, como aberrações primitivas, descontroladas. E o sucesso popular de uma obra polêmica como *The Black Man's Guide to Understanding The Black Woman* (Guia para o negro entender a negra), de Shahrazad Ali, que insiste em que as negras são intelectualmente inferiores aos negros, têm o cérebro menor etc., indica até onde muitas pessoas negras internalizam o pensamento sexista/racista sobre a identidade feminina negra. Como aquele tratado misógino do Renascimento, o livro de Shahrazad associa as negras à natureza, à sexualidade, ratificando a tese primária de que temos de ser "controladas".

Do outro lado das representações das negras como selvagens sexuais, desqualificadas e/ou prostitutas, há o estereótipo da "mãe preta". Mais uma vez, essa imagem registra a presença feminina negra como significada pelo corpo, neste caso a construção de mulher como mãe, "peito", amamentando e sustentando a vida de outros. Significativamente, a proverbial "mãe preta" cuida de todas as necessidades dos demais, em particular dos mais poderosos. Seu trabalho caracte-

riza-se pelo serviço abnegado. Apesar do fato de que a maioria dos lares nos Estados Unidos não tem empregadas ou babás negras, as suposições racistas e sexistas de que as negras são de algum modo “inatamente” mais capazes para cuidar dos outros continuam a impregnar o pensamento cultural sobre os papéis da mulher negra. Em consequência disso, negras de todas as camadas de vida, das profissionais de empresa e professoras universitárias a empregadas domésticas, se queixam de que colegas, colaboradores, supervisores etc. lhes pedem que assumam papéis de zeladoras, que sejam suas consultoras orientadoras, babás, terapeutas, padres; quer dizer, que sejam aquele “peito” que a todos amamenta — a mãe preta. Embora essas negras não sejam mais obrigadas pelas práticas trabalhistas exploradoras racistas a “servir” apenas em empregos julgados servis, espera-se que limpem a sujeira de todos. E não é só o mundo branco que tem essas expectativas em relação às negras; elas também são impostas por homens e crianças negros, que também acham que as negras devem servi-los. Suposições sexistas sobre papéis femininos informam as expectativas das comunidades negras em relação às negras. Muita gente negra compartilha dessa idéia, defendida por diversos grupos nesta sociedade, de que as mulheres são “inerentemente” destinadas a servir aos outros com abnegação. Esta idéia é muitas vezes reforçada nas comunidades negras pela ênfase do ensino religioso na necessidade do trabalho abnegado como a mais elevada manifestação de caridade cristã. Coletivamente, muitas negras internalizam a idéia de que devem servir, estar sempre prontas para atender, quer queiram quer não, à necessidade de outra pessoa.

A insistência cultural em que as negras sejam encaradas como “empregadas domésticas”, independentemente de nosso status no trabalho ou carreira, assim como a aceitação passiva desses papéis pelas negras, talvez sejam o maior fator a impedir que mais negras escolham tornar-se intelectuais. O trabalho intelectual, mesmo quando julgado socialmente relevante, não é visto como “trabalho abnegado”. Na verdade, um dos estereótipos culturais do intelectual é o de alguém em geral egocentricamente preocupado com as próprias idéias. Mesmo nas áreas onde se respeita mais o trabalho intelectual, ele é mais visto na maioria das vezes como um trabalho que resulta da concentração e envolvimento em si mesmo. Embora intelectuais negros como Du Bois tenham relacionado a vida da mente com várias formas de ativismo político, eles se concentravam sobre si mesmos, na busca de suas idéias. Nas conversas com acadêmicas e não acadêmicas negras, sobre nossas relação com o mundo das idéias em busca de conhecimento e produção intelectual, um dos temas constantes que vinha à baila era o receio de parecer egoísta, de não fazer um trabalho tão diretamente visto como transcendendo o ego e “servindo” outros. Muitas negras, entre elas eu, descreviam experiências de infância em que o anseio por ler, contemplar e falar sobre uma mais ampla gama de idéias era desestimulado, considerado uma atividade frívola ou que, nos absorvendo com tanta intensidade, nos tornaria egoístas, frias, destituídas de sentimentos e alienadas da comunidade. Na infância, se eu não pusesse os trabalhos domésticos acima dos prazeres de ler e pensar, os adultos ameaçavam me punir queimando meus livros, proibindo-me de ler. Embora isso jamais tenha ocorrido, incutiu em minha consciência o senso de que era de algum modo não apenas “errado” preferir ficar

sozinha, lendo, pensando e escrevendo, mas também meio perigoso para meu bem-estar, e um gesto de insensibilidade para com o bem-estar dos outros. Na idade adulta, passei anos julgando (e por isso fazendo com que fosse) importante para mim terminar qualquer outra tarefa, por mais inconseqüente que pudesse ser, para só depois me dedicar ao trabalho intelectual. Claro, muitas vezes eu chegava no espaço destinado a esse trabalho cansada, exausta e sem energia. A socialização sexista inicial que ensina às negras, e na verdade à maioria das mulheres, que o trabalho mental tem de ser sempre secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos, ou a um monte de outras atividades servis, tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial, mesmo quando suas circunstâncias sociais ofereciam de fato recompensas por essa atividade.

Entre as pensadoras negras que trabalham como acadêmicas, muitas com quem falei achavam que seu anseio por dedicar tempo e energia ao trabalho intelectual não podia ser plenamente satisfeito, porque se viam eternamente fazendo malabarismos com múltiplas exigências. Queixando-se com toda razão de que lhes faltava tempo para seguir o trabalho intelectual livre e plenamente, também manifestavam receio de que um empenho demasiado apaixonado em metas intelectuais as isolasse de uma atividade relacional significativa. Contudo, não pareciam ávidas por questionar os motivos pelos quais tanto relutam, ou em alguns casos são simplesmente incapazes, em reivindicar o trabalho intelectual como digno de atenção básica. Concentrando-me particularmente em negras que concluíram cursos universitários, mas o interromperam no estágio de escrever a tese final, descobri que eram as mais enredadas em sentimentos contraditórios sobre o valor acadêmico e/ou trabalho intelectual, e que esses sentimentos bloqueavam psicologicamente sua capacidade de concluir essa exigência final. Ocorreu-me que escrever a tese é o momento de nosso trabalho de graduação em que mais diretamente enfrentamos o que significa mergulhar no pensamento e na escrita solitários. Para a maioria das alunas, é essa experiência universitária que mais bem exemplifica o caráter individualista do pensamento e do trabalho intelectual.

A gente escreve sozinha, em geral passando muito tempo isolada. Muitas vezes é difícil manter um senso de compromisso com a comunidade. As negras que foram socializadas para desvalorizar, ou se sentir culpadas em relação ao tempo passado longe dos outros, às vezes não conseguem reivindicar ou criar espaço para a escrita solitária. Isso se aplica especialmente às negras que são mães. As mães solteiras muitas vezes têm de lutar com obstáculos materiais que não lhes permitem concentrar-se intensamente para pensar e escrever, mesmo que o desejem. Contudo, pessoas sem pressões materiais ou relacionais relutam tanto quanto suas contrapartes menos favorecidas em reivindicar o trabalho intelectual como sua vocação básica. Freqüentemente, o medo do “isolamento” da comunidade, ou a sensação de que a vida não é bem vivida se não vivida em comunidade, foi identificada como uma barreira impeditiva para negras optarem de corpo e alma pelo trabalho intelectual. Para superarem essas barreiras, as negras que conseguem continuar dedicadas individualmente a uma vocação intelectual, sentindo-se igualmente ligadas à comunidade, têm de mapear essa jornada, nomeando o processo.

Em *O Dilema do Intelectual Negro*, Cornel West aborda os conflitos que

surgem quando intelectuais negros enfrentam um “modelo burguês de atividade intelectual” que nos coloca na defensiva. “Há sempre a necessidade de demonstrar e defender a humanidade dos negros, incluindo sua habilidade e capacidade de raciocinar logicamente, pensar coletivamente e escrever lucidamente. O peso desse fardo inescapável para alunos negros no meio acadêmico branco muitas vezes tem determinado o conteúdo e caráter da atividade intelectual negra.” Esses conflitos parecem particularmente agudos para as negras que também têm de lutar contra aqueles estereótipos racistas/sextistas que o tempo todo levam outros (e até nós mesmas) a questionar se somos ou não competentes, se somos capazes de excelência intelectual. Para as acadêmicas e/ou intelectuais negras, o estilo de escrever pode evocar questões de aliança política. Usar um estilo que possa nos fazer conquistar aceitação acadêmica e reconhecimento pode depois alienar-nos de um público leitor negro mais amplo. Mais uma vez enfrentamos, de maneira diferente, problemas de isolamento e envolvimento com a comunidade. A opção por escrever num estilo tradicional acadêmico pode levar ao isolamento. E mesmo que escrevamos pelas linhas do estilo acadêmico aceito, não há nenhuma garantia de que vão respeitar nosso trabalho.

Muitas vezes, pensadores negros temem que nosso trabalho não seja levado a sério por um público maior, que ele seja julgado de certa maneira deficiente. Esses temores inibem a produção intelectual. Escrevendo ensaios que incluem reflexões confessionais, senti-me a princípio insegura a respeito de se eles falariam a um público além de mim mesma e meus amigos. Quando publiquei minha primeira coletânea de ensaios, *Talking Back* (Retrucando), surpreendi-me com as muitas cartas que recebi de negras discutindo o ensaio sobre as dificuldades que enfrentei como estudante universitária. Jorravam histórias de perseguição de professores, pares e colegas profissionais. A norma geral eram relatos sobre negras sendo interrogadas pelos que procuravam determinar se ela era capaz de concluir o trabalho, pensar logicamente, escrever coerentemente. Essas formas de importunação muitas vezes solapam a capacidade das negras de transmitir a certeza de talento e domínio intelectual. Depois havia as histórias — contadas através de cartas — de depressão e desespero que ameaçavam a própria vida. No todo, essas cartas confirmam que a opção de seguir uma carreira acadêmica e/ou intelectual da maneira socialmente legítima continua a ser uma árdua tarefa para negras. Embora hoje, mais que nunca, haja sem dúvida muito mais negras acadêmicas, elas são na maioria das vezes anti-intelectuais (uma posição que é freqüentemente consequência do sofrimento que suportaram como alunas ou professoras encaradas com desconfiança e desprezo por seus pares). Na vida diária, podem insistir em que o trabalho que fala diretamente à experiência concreta é mais valioso que as formas de trabalho intelectual não produzidas para ser comercializadas para um público de massa. Diante da falta de endosso e apoio públicos constantes às negras que escolhem vocações intelectuais, quando enfrentam esse trabalho em isolamento, em espaços privados, não admira que negras individualmente se sintam oprimidas por dúvidas, que esses espaços intensifiquem receios de incompetência, receios de que suas idéias talvez não mereçam ser ouvidas. As negras têm de revisar idéias de trabalho intelectual que nos permitam

abrir a preocupação com a vida mental e o bem-estar da comunidade.

Em O Dilema do Intelectual Negro, West é extremamente crítico dos modelos burgueses de vida intelectual que a concebem só em termos individualistas ou elitistas, e oferece como alternativa o modelo da "insurgência". Afirma: "Em vez do herói solitário, do exilado combativo e do gênio isolado — o intelectual como estrela, celebridade e produto de consumo — esse modelo privilegia o trabalho individual coletivo que contribui para a resistência e a luta comunais." Embora a idéia da insurgência proporcione, em teoria, um útil contraponto para o modelo burguês, West não aborda a realidade concreta das circunstâncias e condições materiais que possibilitam e promovem o trabalho intelectual. Na verdade, sem privilegiar a idéia de "gênio isolado", temos de citar honestamente a realidade de que grande parte do trabalho intelectual se realiza em isolamento, é informado pelo tempo gasto em contemplação, devaneio e escrita ativa. Como podem as negras enfrentar a escolha do isolamento necessário sem entrar no modelo burguês? Qualquer discussão de trabalho intelectual que não enfatize as condições que tornam possível esse trabalho interpreta erroneamente as circunstâncias concretas que permitem a produção intelectual. Na verdade, as negras que lutam para fortalecer e aprofundar nosso comprometimento com o trabalho intelectual sabem que temos de enfrentar o problema do "isolamento", nosso medo dele, medo de que nos alienem da comunidade e iniba a busca completa de trabalho intelectual. No patriarcado, os homens sempre tiveram a liberdade de se isolar da família e da comunidade, exercer trabalho autônomo e reingressar no mundo relacional quando quisessem, independente de seu status de classe. É a imagem de uma figura masculina, não feminina, em busca de solidão para exercer o trabalho mental que é comum nos meios de comunicação. Esse mundo patriarcal que apoia e endossa o reingresso do homem na família e na comunidade após algum tempo afastado pune muitas vezes as mulheres pela escolha de um trabalho autônomo. Estudos recentes (como *The Second Shift* (Segundo turno)) que examinam a natureza de gênero dos afazeres domésticos indicam que as mulheres que trabalham fora continuam a fazer a maior parte do trabalho doméstico. Assim, antes que a intelectual negra isolada possa reingressar numa comunidade relacional, é provável que primeiro tenha de assumir a responsabilidade por uma variedade de afazeres domésticos.

É claro que acadêmicas e intelectuais negras muitas vezes não podem exigir o tempo necessário para exercer sozinhas seu trabalho. Discutindo o problema com alunas e colegas negras, não me surpreendeu descobrir que a maioria tinha pouca experiência de ficar ou trabalhar sozinha. Isso se aplica sobretudo a negras de origens pobres e operárias, onde o espaço limitado e o simples número de pessoas numa determinada família tornam o tempo solitário uma impossibilidade. Criada numa família grande, só quando fui para a faculdade comprehendi que nunca estivera um dia sozinha em minha vida. As negras criadas em famílias sexistas não eram postas em situações onde pudesse ficar sozinhas. Na verdade, em geral se dava o contrário. Éramos constantemente postas em lugares com damas de companhia ou acompanhantes (nos tempos antigos, claro, isso se destinava a proteger a virtude feminina). Ao mesmo tempo, julgava-se "antinatural" uma menina que precisava aprender a ser mãe e construir um lar passar tempo sozinha.

A pesquisa feminista sobre a condição de pais indica que as mulheres são socializadas para desenvolver práticas relacionais que destaqueem nossa capacidade de cuidar dos outros. Essa socialização era e é em geral tornada explícita nas famílias negras tradicionais. Como muitas negras foram criadas em lares onde as mães trabalhavam fora, assumiram cedo a responsabilidade pelos afazeres domésticos e o cuidado dos outros. Um tempo para si mesma, para pensar, não é tradicionalmente valorizado para as meninas negras. E embora os trabalhadores homens negros e pobres não tenham sido criados em ambientes que valorizassem abertamente o tempo passado só, podem ocupar espaços por conta própria, postar-se em esquinas sozinhos e contemplar o universo, sentar-se em telhados etc. Na discussão com outras negras, descobri que nosso tempo para pensar normalmente só ocorria quando se haviam terminado os afazeres domésticos. Era sempre tempo roubado. E às vezes a gente tinha de escolher entre ter esse espaço ou prazeres relacionais, ficar com os amigos ou a família. As intelectuais negras sabem o valor do tempo passado sozinhas. Muitas pensadoras negras que entrevistei falaram que acham difícil sentar-se e escrever durante longos períodos de tempo. Parte dessa dificuldade se deve a que as pessoas talvez não saibam como ficar à vontade em isolamento, com uma atividade solitária. Certamente, nem todo trabalho intelectual ocorre em isolamento (algumas de nossas melhores idéias surgem em contextos de troca), mas essa realidade coexiste com a de que a contemplação solitária de idéias é um componente muito importante do processo intelectual. Para sentir que temos direito a um tempo solitário, nós, negras, temos de romper com as idéias sexistas/racistas sobre o papel da mulher.

Num contexto social capitalista, de supremacia patriarcal branca como esta cultura, nenhuma negra pode se tornar uma intelectual sem descolonizar a mente. Mulheres negras podem se tornar acadêmicas bem-sucedidas sem passar por esse processo e, na verdade, a manutenção da mente colonizada pode habilitá-las a vencer na academia, mas isso não intensifica o processo intelectual. O modelo de insurgência que Cornel West defende identifica adequadamente tanto o processo em que negras devem empenhar-se para se tornar intelectuais quanto as posições que temos de assumir para manter e alimentar essa escolha. Para contrabalançar a baixa estima constante eativamente imposta às negras numa cultura racista/sextista e anti-intelectual, aquelas entre nós que se tornam intelectuais devem estar sempre vigilantes. Temos de desenvolver estratégias para obter uma avaliação crítica de nosso mérito e valor que não nos obrigue a buscar avaliação e endosso críticos das próprias estruturas, instituições e indivíduos que não acreditam em nossa capacidade de aprender. Muitas vezes, temos de ser capazes de afirmar que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas. Afirmando no isolamento que o trabalho que fazemos pode ter impacto significativo numa estrutura coletiva, devemos com freqüência tomar a iniciativa de chamar a atenção para o nosso trabalho de um modo que reforce e fortaleça um senso de público.

Como intelectual negra que escreve teoria feminista de um ponto de vista que tem como programa intelectual central compreender a natureza específica das políticas de gênero, e como tarefa política desafiar o pensamento racista e

sexista, comecei esse trabalho num contexto acadêmico, mesmo com poucas pessoas na academia endossando meus esforços. Falando com pessoas negras da classe operária em vários empregos, com colegas nas comunidades em que fui criada/ou vivi, encontrei indivíduos que endossaram e estimularam meu trabalho. Esse estímulo foi crucial para meu sucesso. Eu não poderia continuar trabalhando em isolamento — ficaria deprimida. E embora meu trabalho seja hoje amplamente reconhecido nos meios acadêmicos, continuo gratíssima àqueles indivíduos não acadêmicos que me encorajaram quando eu não contava com esse apoio no lugar socialmente legitimado. É impossível que floresçam intelectuais negras se não tivermos uma crença essencial em nós mesmas, no valor de nosso trabalho, e um endosso correspondente do mundo à nossa volta para apoiá-lo e alimentá-lo. Muitas vezes não podemos procurar nos lugares tradicionais o reconhecimento de nosso valor; temos a responsabilidade de buscá-lo fora e até criar diferentes locações.

A política do patriarcado torna a situação dos intelectuais negros diferente da das negras. Embora eles enfrentem o racismo, não enfrentam os preconceitos de gênero. E como já se disse, como são encarados como membros legítimos de uma tradição intelectual estabelecida, seu trabalho é menos suspeito e muitas vezes mais recompensado que o das negras. Em consequência, as intelectuais negras necessitam do apoio e estímulo de seus pares homens. Com muita freqüência, o sexism atrapalha os negros que dão esse apoio. Ao mesmo tempo, a competitividade acadêmica milita contra a formação de comunidades intelectuais negras que cruzem fronteiras de instituições e disciplinas. Essas comunidades surgem das tentativas de resistência de negras e negros que reconhecem que fortalecemos nossas posições apoiando uns aos outros.

West insiste em que “a principal prioridade dos intelectuais negros deve ser a criação ou reativação de redes institucionais que promovam hábitos críticos de alta qualidade basicamente com o objetivo de insurgência negra”. Levando essa proposição um passo adiante, é muito importante que tais tentativas abranjam intelectuais negros que não tenham nenhuma filiação institucional formal. Isso é especialmente crucial para as negras, já que muitas pensadoras críticas excepcionais não trabalham em meios acadêmicos. Afirmado que “a tarefa central dos intelectuais negros pós-modernos é estimular, acelerar e possibilitar percepções e prática alternativas, desalojando discursos e poderes predominantes”, West oferece um paradigma que permite uma ênfase em acabar com o sexism e a opressão sexism como uma condição prévia para a insurgência intelectual do negro. Pois só quando mulheres e homens negros trabalham contra o condicionamento sexism, promotor da crença em que o trabalho intelectual é domínio exclusivo dos homens, ou que o trabalho deles é mais importante, é que podemos criar comunidades e ambientes que promovam e sustentem plenamente nosso trabalho intelectual. E só nosso vigilante questionamento dos preconceitos e práticas sexismas permitirá aos negros encorajar e valorizar o trabalho de suas pares negras. Isso significa que intelectuais negros levariam nosso trabalho a sério, deixariam de defender da boca para fora a idéia de acabar com o sexism, continuando ao mesmo tempo a ignorar ou apropriar-se das idéias. Quando intelectuais negros se referem ao trabalho de suas pares negras e o usam construtivamente em diversos lugares (sala de aulas,

palestras), ajudam a dar-lhes maior visibilidade, fortalecendo os laços de solidariedade. Vemos isso no trabalho dos intelectuais negros Manning Marable, Derrick Bell e Kobena Mercer, para citar apenas alguns. Ao mesmo tempo, aliados não negros poderiam expressar maior solidariedade não coonestando e apoiando a apropriação por negros do trabalho acadêmico da negra.

Quando comunidades negras diversas enfocarem os problemas de gênero e o trabalho de estudiosas for lido e/ou discutido mais amplamente nesses lugares, as intelectuais negras não apenas terão maior reconhecimento e visibilidade; haverá também maior estímulo para que as jovens estudantes escolham caminhos intelectuais. Apesar das muitas dificuldades que surgem quando negras optam pelo trabalho intelectual, as possibilidades de recompensa significativa servem de contrapeso, nos motivando e defendendo. Essas recompensas podem nem sempre ser manifestações convencionais de consideração. Podem ser dadas por comunidades sem qualquer contato com instituições acadêmicas. Cartas de negras que, na prisão, aproveitam o tempo educando-se para uma consciência crítica têm sido uma fonte de inspiração para meu trabalho. Quando um camarada prisioneiro negro me escreve dizendo: "Seu trabalho me comoveu de tal maneira que me fez lutar para ser íntegro", isso confirma que o trabalho intelectual pode nos ligar a um mundo fora da academia, aprofundar e enriquecer nosso senso de comunidade. Esta é a mensagem que mais quero compartilhar com as jovens negras temerosas de que o trabalho intelectual nos alienie do mundo "real". De fato, quando exercemos um trabalho intelectual insurgente que fala a um público diverso, a massas de pessoas de diferentes classe, raça ou formação educacional, nos tornamos parte de comunidades de resistência, coalizões que não são convencionais. O trabalho intelectual só nos aliena de comunidades negras quando não relacionamos ou dividimos nossas preocupações por miríades de interesses. Essa divisão tem de transcender a palavra escrita, já que tantos companheiros negros mal são alfabetizados, ou são analfabetos. Falando em igrejas e lares, de maneiras formais e informais, podemos compartilhar o trabalho que fazemos. Reconhecendo que a recompensa, a compreensão e o reconhecimento vêm, podem vir, e nos virão de lugares não convencionais, e valorizando essas fontes de afirmação, os intelectuais negros chamam a atenção para um contra-sistema hegemônico de legitimação e valorização que, em conjunção com a obra que fazemos em instituições ou como uma alternativa a ela, pode legitimar e apoiar nosso trabalho.

O endosso que me vem de indivíduos e lugares marginalizados me fortalece e inspira. Chamo atenção para isso, não para me promover, mas para oferecer um contratestemunho, que se opõe à insistência habitual em que não pode haver troca, contato, influência significativos entre intelectuais e gente comum sem qualquer formação educacional. West termina seu ensaio O Dilema do Intelectual Negro com os estimulantes comentários: "A situação do intelectual negro não precisa ser austera e sombria. Apesar do difundido racismo da sociedade americana e do anti-intelectualismo da comunidade negra, o espaço crítico e a atividade insurgente podem se expandir. Essa expansão ocorrerá mais facilmente quando os intelectuais negros lançarem uma olhada mais franca a si mesmos, às forças históricas e sociais que os moldam, e aos recursos limitados mas significativos

da comunidade de onde vieram". As críticas contínuas ao sexism ampliam esse espaço e possibilitam que se valorizem as contribuições das negras. Enquanto não se fizer isso, o racismo e o sexism continuarão a informar a maneira como se encara a obra das negras americanas.

Minha consciência dos dilemas particulares que as intelectuais negras enfrentam aprofundou-se quando comecei meu primeiro trabalho de professora em horário integral na Universidade de Yale. Naquela época, eu era uma das duas afro-americanas na universidade. Durante minha permanência ali, a negra mais antiga, a historiadora de arte Sylvia Boone, pertencia ao corpo docente efetivo. Sempre que eu chamava a atenção para a relativa ausência de acadêmicas negras nessa instituição, mencionando o impacto do sexism e racismo, colegas brancos me diziam repetidas vezes que "se as negras não estão aqui, não é porque a Yale é racista, é que as negras não são suficientemente capazes". Esses comentários me obrigaram a concentrar-me criticamente nas maneiras como as representações sexistas e racistas das intelectuais negras orientam o modo como nos vêem, estabelecem estruturas que legitimam a desvalorização de nosso trabalho.

Até minha época na Yale, eu jamais achara realmente importante ou necessário declarar-me "intelectual" e encorajar outras negras a fazerem o mesmo, tornar sua presença conhecida, transmitir nossos pensamentos sobre o processo intelectual. Todos os anos, vejo muitas jovens estudiosas brilhantes darem as costas ao trabalho intelectual por se sentirem tão diminuídas nas instituições, por acharem que suas vozes não são valorizadas na sociedade maior. A preocupação com o futuro de alunas negras, cujas idéias, erudição e textos são dolorosamente necessários, motivou-me a fazer o "auto-inventário crítico" defendido por West, e discutir em público uma experiência pessoal, dando um testemunho pessoal que encoraje e estimule. No processo de auto-avaliação crítica, comprehendi como eu fora socializada não para falar de um compromisso com a vida intelectual, mas antes ver isso como uma escolha particular, quase "secreta". Por não falar dessa escolha, eu também não transmitia às estudantes negras as alegrias e prazeres do trabalho intelectual. Se eu e outras negras, em particular aquelas entre nós que trabalham em meios acadêmicos, só falamos das dificuldades, pintamos um quadro triste que pode levar as estudantes a verem o trabalho intelectual como humilhante e incapacitante. Muitas vezes, em conversas com estudantes, sobretudo jovens negras, elas me pedem que fale de aspectos da minha jornada pessoal. Esse apaixonado interrogatório freqüentemente ameaça meu senso de intimidade (o que existe), mas tem raízes num profundo desejo de compreender o processo pelo qual algumas negras escolhem a vida intelectual, onde e como encontramos realização pessoal. O anseio das intelectuais negras por mapear a jornada coloca muitas vezes uma exigência de abertura, de revelação pura e honesta que não se pode colocar em colegas homens, ou mulheres não negras. Contudo, as intelectuais negras comprometidas com práticas insurgentes têm de reconhecer o apelo para falar abertamente sobre a vida intelectual como a conhecemos, sobre nosso trabalho como uma forma de ativismo.

Muitas vezes, o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades. Pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas

de todos, sobretudo das pessoas negras e mestiças. Esse trabalho não apenas nos arrasta mais para perto do sofrimento, como nos faz sofrer. Andar em meio a esse sofrimento para trabalhar com idéias que possam servir de catalisador para a transformação de nossa consciência e nossas vidas, e de outras, é um processo prazeroso e extático. Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas, nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida.

TRADUÇÃO DE MARCOS SANTARRITA

ERRATA

O artigo “Intelectuais Negras” é a versão de Black Women Intellectuals in Gloria Watkins and Cornel West, *Breaking Bread - Insurgent Black Intellectual Life*, Boston South End Press, 1991. Agradecemos a South End Press a gentileza da cessão gratuita desta tradução.